

## **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL POR MEIO DAS BATALHAS DOS GUARARAPES: A PÁTRIA NASCEU AQUI**

AMANDA MARQUES DE CARVALHO GONDIM\*

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O artigo visa responder principalmente aos seguintes questionamentos: Quais os meios educacionais utilizados nas décadas de 1960 e 1970 para fomentar o discurso das batalhas dos Guararapes e de que maneira as batalhas dos Guararapes surgiram nesse período como marco histórico para a produção de um discurso de surgimento da pátria? Parte-se dos pressupostos de não surgimento das batalhas dos Guararapes na memória da população a partir desse período, nem de haver encontrado seu fim ao término do período estudado.

Ao colocar as batalhas dos Guararapes nas décadas de 1960 e 1970 na condição de discurso afirma-se sua relação com uma construção, aqui no sentido de construir uma identidade. O problema posto é o de entender, por meio da educação desenvolvida nesse período, de quais formas as batalhas surgiram nesse processo de construção da identidade nacional.

À luz da teoriação foucaultiana, os acontecimentos possuem uma relação intrínseca ao momento histórico quando surgem. A partir dessa ligação é necessário inferir não à presença longínqua da aparição de um discurso primeiro, mas questionar em que contexto foi possível a sua emergência. A pesquisa apoia-se numa estruturação metodológica denominada por Foucault de arqueologia. Nessa metodologia, procura-se encontrar todos os enunciados elaborados pelas instituições que possuam relação com o discurso identificado.

Dessa forma, para Foucault não existem fórmulas ou modelos prontos a serem seguidos e aplicados nas análises e estudos de uma dada sociedade. Antes é preciso compreender como algo chegou a ser daquela forma, o porquê daquilo e não de outra maneira. O livro Foucault e Educação define do seguinte modo a perspectiva foucaultina: “Muito mais interessante e produtivo é perguntarmos e examinarmos como

---

\* Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado em Educação.

as coisas funcionam e acontecem e ensaiarmos alternativas para que elas venham a funcionar e acontecer de outras maneiras.” (VEIGA-NETO, 2007: 19)

A educação, nesse sentido, surge na condição de algo que é construído na sociedade com o objetivo de se contextualizar com os princípios e práticas existentes na mesma. Assim, o discurso encontrado na educação tem o sentido de repercutir aquele que se encontra em outros espaços da sociedade.

A produção de identidade de um povo é colocada aqui em uma perspectiva educacional por se entender que a mesma não acontece nas pessoas como algo que ocorre exclusivamente “de dentro para fora”. É um processo deliberado de construção de elementos que façam com que as pessoas se percebam pertencentes àquela sociedade.

A identidade brasileira no século XX foi forjada na promoção de discursos cuja unidade havia sido formada em tempos remotos. A necessidade em remeter a formação da pátria brasileira a um período distante ocorre pela construção de algo que esteve “desde sempre presente”<sup>1</sup> como inerente àquele grupo.

O poder no pensamento de Foucault não é algo que se possui, mas um exercício ou uma prática. Nesse sentido, o poder se constitui como a internalização de um discurso, em sua relação com a positividade. Seguindo essa ideia, é possível identificar nos sistemas de educação uma corporificação desse poder em vários momentos da história.

A construção da identidade de um povo, à luz do pensamento foucaultiano, perpassa pela criação de um discurso. O sujeito é estabelecido numa sociedade a partir de sua compreensão acerca da mesma e isso consiste na positividade que um determinado discurso produzido possui sobre aquele. Destarte, a elaboração de um discurso e sua posterior assimilação e reprodução possuem relação com o contexto histórico vivido pelo sujeito. O discurso não se constitui como uma unidade pletórica e totalizante, mas principalmente como fruto de algo que surgiu em um dado momento e lugar.

---

<sup>1</sup> Um dos elementos existente nas sociedades onde se enseja a construção de uma nação é o retorno a um passado comum, tratando-o como existente desde sempre.

Em vários documentos estudados<sup>2</sup> é afirmado que pela primeira vez houve a citação da palavra *pátria* e por esse motivo foi na insurreição pernambucana que surgiu o sentimento de unidade. Há outra construção identitária a partir das batalhas, pois também é abordada com elas a união das “três raças formadoras do povo brasileiro”. Serão esses os enunciados principais a fomentar o discurso de surgimento da pátria nas batalhas dos Guararapes.

O discurso “nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (FOUCAULT, 2008a: 49). Não quer dizer com isso que a afirmação do nascimento da pátria nas batalhas seja verdade, mas principalmente como uma *vontade de verdade* que se toma por *verdade*.

O discurso não vem para ser colocado no campo das possibilidades. Ele se impõe pelos mecanismos utilizados e pelos instrumentos de poder que o legitimam. O fundamental numa escavação arqueológica não é estabelecer o passado longínquo de sua aparição, mas partir da seguinte pergunta: “Como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2008: 30) Nesse sentido, é colocado para a pesquisa: Por que as batalhas dos Guararapes, e não outro episódio em seu lugar?

No entanto, ao observar um discurso, devem-se tomar algumas precauções. A primeira delas é perceber que uma obra não pode ser considerada como imediata, nem como unidade certa, nem homogênea. O autor, ao longo de sua vida, pode criar vários discursos e defender todos eles, mesmo que não possuam coerência nem relação. Não precisa defender a existência remota de um discurso, ao ponto de chegar a um começo, por vezes inatingível. Defender que “todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um ‘jamais-dito’, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro”

---

<sup>2</sup> As fontes pesquisadas diferem muito em sua origem: principia-se a pesquisa observando uma obra artística que envolve tanto elementos do referido acontecimento histórico quanto do cotidiano de 1960 e é feita a interligação desse primeiro enunciado discursivo com os livros didáticos elaborados, as disciplinas escolares criadas (especificamente Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil e Estudos dos Problemas Brasileiros), manifestações cívicas, a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes no mesmo local onde ocorreram as batalhas e o filme Batalha dos Guararapes. Apesar disso, compreende-se a todas essas superfícies de emergência na condição de instrumentos para a afirmação do discurso educacional.

(FOUCAULT, 2008: 28). Contudo, “não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância” (Idem).

É com base nessas premissas que são feitas as observâncias sobre o discurso da identidade brasileira. A partir da educação das décadas de 1960 e 1970 procura-se entender não suas causas e efeitos, mas o contexto histórico e as *instâncias de delimitação* para seu aparecimento.

## CONTEXTO HISTÓRICO

No período compreendido entre os anos de 1960 e 1970 o Brasil possui uma estreita relação com a necessidade de se afirmar elementos do passado e do presente ligados à nacionalidade. Mudanças muito rápidas e profundas, refletindo no modo de pensar, nas expectativas futuras e também na educação. Ideias como segurança nacional, manutenção do regime democrático de direito e patriotismo permeiam o cotidiano dos brasileiros nos primeiros anos da década de 1960. Algumas dessas cairão por terra com o passar dos anos; doravante, outras permanecerão, tais como o preceito de segurança nacional com vistas à manutenção da ordem na pátria brasileira.

O início dos anos de 1960 no Brasil marca um momento de muitas esperanças e nacionalismo, como afirma o artista Francisco Brennand<sup>3</sup>:

*No começo do ano de 1961 estava largando a presidência da República o Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira e o Presidente eleito Jânio da Silva Quadros, estava na iminência de tomar posse. Um forte sentimento de nacionalismo pairava num pequeno grupo de intelectuais, nem todos pernambucanos, porque além de mim, existia o poeta cearense César Leal, o escritor paraibano Ariano Suassuna, o poeta Tomás Seixas e o escritor Renato Carneiro Campos, ambos recifenses como eu.*<sup>4</sup>

O sentimento de nacionalismo não estava imbuído apenas neste pequeno grupo de intelectuais. Jornais da época expressam interesse em discutir o sentido do nacionalismo brasileiro, sendo publicados vários artigos acerca do assunto, como o de Miguel Reale publicado no Diário de Pernambuco em 26 de novembro de 1960, cujo título versa sobre o nacionalismo brasileiro e as condições que o Brasil tinha para afirmar um caminho próprio.

---

<sup>3</sup> Francisco Brennand é pintor e artista plástico pernambucano, cujas obras possuem expressão nacional e autor do painel sobre as batalhas dos Guararapes, utilizado como uma das fontes de pesquisa.

<sup>4</sup> Trecho de entrevista realizada via e-mail no dia 16 de julho de 2009.

A discussão sobre a necessidade em se criar um “caminho próprio” para o nacionalismo brasileiro estabelecem-se em um momento de grande tensão mundial, o período conhecido por Guerra Fria. O mundo encontrava-se dividido em capitalismo e socialismo no qual duas potências, os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, disputavam não apenas ideias, mas territórios e prestígio internacional.

O Brasil procura apontar para a criação de um caminho próprio. Nesse contexto, surgem ideias como a afirmação da soberania nacional e a emulação em relação aos demais países do mundo. Dessa forma, a educação constitui-se um importante instrumento nesse período para realizar o comentário<sup>5</sup> de vários momentos da história do Brasil em que pode se criar o discurso da nacionalidade.

O início dos anos 1960 é marcado por várias mudanças na sociedade brasileira e de ordem política. O aparente perigo do comunismo como um sistema desnacionalizante e internacionalista fazia emergir em vários espaços da sociedade ideias com vistas à criação de um caminho próprio para o nacionalismo brasileiro. A eleição para a presidência em 1960 foi marcada por esse sentimento. Jânio Quadros ao ser eleito trazia consigo a esperança de vários setores da sociedade brasileira, que esperavam uma melhora na política e na economia do país. Um dos símbolos de sua candidatura era a vassoura, pois dizia que ia “varrer” a corrupção do país. Eleger Jânio Quadros seria “uma via para impedir que o maior país da América Latina escorregasse pelo caminho da instabilidade e do comunismo” (FAUSTO, 2011: 242).

Ao tomar posse, Jânio passou a exercer uma política que demonstrava um não alinhamento com nenhum dos dois blocos antagônicos na conhecida guerra fria. Destarte, tanto procurava manter relações cordiais com os Estados Unidos quanto com os países comunistas. Apesar da postura de uma política externa independente, Jânio não conseguiu consolidar seu poder, perdendo aliados e renunciando sete meses após sua posse.

O período que se seguiu foi caracterizado pela instabilidade política e por intensa movimentação e atuação dos trabalhadores, o que promoveu algumas conquistas para os mesmos e insatisfação da elite econômica do país. Vários partidos políticos

---

<sup>5</sup> Na ótica de Foucault (2008a), o comentário consiste em dizer pela primeira vez aquilo que já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que jamais fora mencionado.

colocam em sua agenda a defesa do nacionalismo e da mudança social. Em concomitância a esses acontecimentos e ideias, as Forças Armadas iniciam a doutrina de segurança nacional, pautado na ordem, estabilidade e desenvolvimento da nação.

O golpe de 1964 servirá para atender a todos esses interesses. A manutenção da ordem social, o respeito à hierarquia e o controle do comunismo passaram a ser as principais justificativas para a intervenção do poder militar no governo brasileiro a partir daquele ano. Os anos seguintes serão constituídos pelo esforço em manter a doutrina de segurança nacional e um dos aspectos marcantes será a necessidade constante em se garantir o ideal de patriotismo e nacionalismo brasileiros.

## PÁTRIA E NAÇÃO

Apesar de possuir significados distintos, pátria e nação no período estudado serão, por *simpatia*<sup>6</sup>, tratados a partir de sua indiferenciação. No entanto, as batalhas dos Guararapes encontrar-se-ão mais ligadas ao sentido de pátria do que ao de nação. Nesse contexto será a pátria que dará origem à nação, não o contrário, daí uma relação maior do acontecimento com o surgimento da pátria.

Ao aproximar o indivíduo da sociedade na qual ele vive é possível realizar o exercício de identificação do sujeito se utilizando de conceitos por vezes antagônicos, de forma a *assimilá-los*. Os conceitos de nação e pátria, embora distintos, são nas décadas de 1960 e 1970, por *similitude*, iguados. Dessa forma é que se encontra em livros didáticos e demais fontes pesquisadas tanto a nação quanto a pátria tendo, em contextos diferentes, o mesmo sentido.

Em livros de Organização Social e Política Brasileira, bem como em livros didáticos de História e de Estudos dos Problemas Brasileiros encontram-se as seguintes definições para os termos nação e pátria:

*Nação é mais do que um povo, pois compreende uma sociedade de indivíduos que possuem as mesmas tradições e os mesmos ideais. Quer dizer que um povo nem sempre forma uma nação. Para que a nação exista é preciso que os indivíduos que nela tomam parte se sintam ligados pelo que se chama de amizade cívica, isto é, respeitem as mesmas coisas e tenham o mesmo ideal.*

---

<sup>6</sup> Em As palavras e as coisas, Foucault (2007) trata o conceito no sentido de realizar semelhanças, ou similitudes, fazendo-as desaparecer em sua individualidade. Esse desenvolvimento, para ele, é necessário no sentido de viabilizar o saber na cultura ocidental.

Mais adiante, a mesma fonte afirma que o Brasil transformou-se em nação a partir da criação do Estado brasileiro que, segundo ele “é o povo que estabelece para si uma determinada organização política”. Foi o Estado brasileiro quem provocou o surgimento da nação brasileira, formada por indígenas, europeus de várias nações e africanos. Superior a tudo isso se encontra a nação brasileira, “pela ação da amizade cívica e pela ação do Estado”.

Em outra obra didática do período tem-se a seguinte definição para o conceito de patriotismo:

*Patriotismo é amor à Pátria e às suas tradições, com espírito de renúncia. Não é amor platônico, ou fraternal, ou filial, ou qualquer outro. É o amor total, na sua mais alta expressão ou significado. Amar com a capacidade de não desejar nada em troca. Quem ama nada pede e não julga. Ajuda e compreende. [...] Esse conceito deve estar bem vivo dentro do brasileiro. O homem cívico sente, age e pensa como um elemento solidário da comunidade nacional, honestamente predisposto a trabalhar pelo progresso material, moral e intelectual do Brasil.*

Patriotismo, segundo a ideia da fonte citada, encontra-se relacionado ao conceito de civismo. Amar a pátria tem o sentido de amar os antepassados que nela viveram. Amar as demais pessoas que nela vivem e o solo onde ela se encontra. Mais adiante, na página 43, há a definição de nação:

*O elemento natural da sociedade, a sociabilidade, vai criando nele interesses comuns e despertando a vontade de preservar os valores que já conseguiu. Dessa forma, vai crescendo um sentimento de solidariedade e de defesa dos perigos comuns e uma vontade de melhorar a vida da comunidade. Assim, o homem vai-se prendendo cada vez mais aos que vivem com ele e, à medida que começa a raciocinar em termos de coletividade, surge a figura da Nação, unificada por língua, raça, terra comum, religião, cultura e ação das grandes personalidades. Entretanto, o vínculo mais forte e indispensável na formação de uma Nação é o vínculo espiritual de consciência nacional.*

A ideia de nação engloba elementos comuns a um determinado povo; no entanto, tanto a definição de pátria quanto o conceito de nação apontam a solidariedade e o sentimento em preponderância aos demais. A nação, embora haja destaque para a importância do vínculo, aparece como algo que se consiste a partir do nascimento.

Nesse sentido, a nação seria aquilo que não se escolhe, algo inerente a todos os seres que nascem. No caso de pátria, o sentimento vem arraigado a uma vontade

intrínseca de querer pertencer. O patriotismo encontra-se mais atrelado ao desejo em fazer parte, em manter a unidade, do que o nacionalismo, mais ligado a um contexto. Nesse sentido, a pátria se sobrepõe à nação por ligar o local de nascimento ao desejo de permanecer nele.

O livro *Estudos de Problemas Brasileiros*, de Hilário Torloni (1973), cuja disciplina de mesmo nome era obrigatória nas universidades brasileiras nas décadas de 1960 e 1970, faz distinção entre nação e pátria, relacionando esta ao conceito de civismo. Ao definir nação revela ser a interação permanente de três elementos: “o homem, a terra e as instituições”; ao tratar pátria, aponta como um “conceito sentimental-geográfico”.

Segundo sua definição, a pátria é uma ideia que nasce a partir das relações sentimentais que o indivíduo estabelece tanto com a paisagem física quanto humana. A partir disso são criados laços afetivos muito fortes,

*ao ponto de nos dispormos a defender êsse (sic) patrimônio físico e humano mesmo à custa de maiores sacrifícios, entregando-lhe até a própria vida. A todo êste (sic) imenso amor à Pátria é que chamamos patriotismo – virtude cívica, sentimento desinteressado que nos liga à nossa terra e à nossa gente, que nos impele a amar o país e o povo, a nos dedicarmos a êles (sic), a nos colocarmos a seu serviço.*

As batalhas dos Guararapes são apresentadas como uma demonstração de apego à terra, principalmente por ter em um de seus enunciados a expulsão do invasor batavo. Mas também possui em seu discurso o ideal de nação, ao promulgar a ideia da religião una e da união das três raças. Assim sendo, a *similitude* não se configura apenas em realizar a indiferença entre os dois termos, mas também em colocá-los ambos no discurso das batalhas dos Guararapes.

No entanto, ao colocar a pátria num patamar de maior importância cívica do que a nação convém estabelecer para o período estudado uma relação maior com aquela do que com esta. Ao tratar a pátria como sendo mais importante, ressaltam-se junto com ela todos os símbolos a ela atrelados.

## A BATALHA DOS GUARARAPES NA RUA DAS FLORES E OUTRAS EMERGÊNCIAS EDUCACIONAIS

O início da escavação arqueológica é feito pela observação do painel elaborado por Francisco Brennand entre os anos de 1961 e 1962. São apresentadas duas datas:



7

A obra retrata as batalhas dos Guararapes, e seus traços são nitidamente uma exaltação do episódio a uma epopéia nacional. Elementos inexistentes à época, como a bandeira republicana, são retratados com intuito de demonstrar o caráter heroico e patriótico das lutas. A maneira como são representadas as tropas do Brasil e as da Holanda conotam um grande poderio bélico por parte dos batavos em detrimento do material bélico dos restauradores.



8

Ao apresentar os holandeses, mostra-os com canhões, armas e escudos nas mãos da maioria dos combatentes, enquanto que nas mãos da “gente da terra” encontram-se instrumentos improvisados, como lanças, facas e machados, talvez numa tentativa de mostrar a bravura e força dos pernambucanos mesmo diante das adversidades e precariedades.

Alguns personagens das tropas pernambucanas são retratados com os pés descalços, símbolo da pobreza vivida por muitos tanto à época da restauração quanto no período quando foi elaborada a obra. Mas isso também demonstra que apesar da pobreza, a união contra o inimigo comum fez com que “nobres da terra”, homens livres brancos, negros e índios tomassem como um só motivo para a empreitada de expulsar o invasor e restituir as terras ao seu legítimo rei.

Apesar de maior poderio bélico, na quinta parte do mural os líderes das tropas

---

<sup>7</sup> Detalhe do painel, com a assinatura de Brennand e as duas datas de elaboração da obra: 24-8-1961 e 24-4-1962

<sup>8</sup> Quarta parte, ou centro do mural. Segundo o artista, a bandeira republicana foi colocada de maneira proposital nesse local, com o intuito de demonstrar o nascimento da nação e do exército.

holandesas aparecem fugindo, mostrando a falta de lealdade e companheirismo aos combatentes, que ficam caídos sem ajuda dos “fujões”. As bandeiras holandesas são mostradas em farrapos e os holandeses jogados para fora do mural, ou do território brasileiro.

Por meio da imagem é possível observar palavras “não ditas”, ou pode-se interpretar para além do que o autor afirma. Segundo Foucault a análise de um discurso não consiste em observar o inexistente, mas em enxergar a realidade existente por meio do discurso.

*O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 1970: 49)*

Desde a expulsão dos neerlandeses que o tema é colocado na cultura de Pernambuco como fato importante para a história. A Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, erigida a mando do general Francisco Barreto de Menezes após o fim das batalhas, representa o local considerado campo santo para alguns, pois foi naquela região, sem maiores auxílios da coroa portuguesa, que os pernambucanos enfrentaram e venceram o inimigo holandês, expulsando-o. Para a gente da terra, o episódio sempre teve uma conotação religiosa e fundamental na formação do povo da região.

Além das duas batalhas nos Guararapes, outros momentos como o acontecimento das mulheres de Tejucofapo e o início da expulsão dos holandeses, no monte das Tabocas, fazem parte da história de luta e resistência do povo que viveu nos locais onde ocorreram os fatos. Mas foram as batalhas dos Guararapes que extrapolaram o caráter nativista e, em determinado momento, passaram a representar não apenas o nativismo pernambucano, sobretudo o sentimento de unidade e patriotismo de toda uma nação.

Para Foucault, o discurso existe por meio de uma relação intrínseca de enunciados que contribuem na construção do mesmo, mas o enunciado não se produz sozinho, deve haver outros enunciados correlatos para a conotação de veracidade. No estudo em questão, elementos enunciativos como a religião, o patriotismo e suas representações auxiliam na construção do discurso das batalhas para surgimento da pátria.

Fora o painel acima descrito, o discurso do surgimento da pátria a partir das batalhas dos Guararapes, inúmeros outros espaços surgem e é possível verificar a repetição desse discurso.

É preciso demarcar as *superfícies de emergência*, pois é por meio delas que podemos designar e analisar as diferenças individuais, visto que “essas superfícies de emergência não são as mesmas nas diferentes sociedades, em diferentes épocas e nas diferentes formas de discurso” (FOUCAULT, 2008: 46).

Portanto, é necessário observar onde as mesmas são encontradas; se, por exemplo, encontra-se em um livro didático a afirmação sobre as batalhas dos Guararapes descrita da seguinte maneira: “Retiraram-se os holandeses. O espírito nativista forjara uma nova colônia; o português colono era agora brasileiro”<sup>9</sup>, deve-se inferir acerca da “coisa dita”.

A regularidade e surgimento dessa temática em outras áreas ou *instâncias de delimitação*<sup>10</sup> é que fazem os enunciados formarem o que Foucault designa por prática discursiva, e por isso “exercer uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras, e expor as relações que se dão dentro de um discurso” (FISCHER, 2001: 204).

O Projeto Rondon nos Guararapes, cujos resultados foram a publicação de um livro de mesmo nome e a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, no mesmo local onde ocorreram as batalhas. Sendo o projeto educacional e a repercussão de seu resultado ter cunho também no mesmo sentido, tem-se que estabelece essa prática discursiva para a formação da identidade brasileira.

O sentimento de amor a terra é evidenciado por meio das batalhas dos Guararapes em vários episódios da história do Brasil e lembrado pela educação nas décadas de 1960 e 1970. Os livros didáticos, a inauguração do Parque Histórico nacional dos Guararapes, com ampla participação do governo federal<sup>11</sup> e das escolas representam o esforço do *poder* em estabelecer o discurso na sociedade brasileira.

---

<sup>9</sup> Trecho extraído do livro de Armando Souto Maior, História do Brasil, sobre a expulsão dos holandeses na insurreição pernambucana.

<sup>10</sup> Na visão de Foucault esse conceito está ligado a instituições regulamentadas, reconhecidas pela opinião pública como saber e prática.

<sup>11</sup> O então presidente Médici participou diretamente da execução das obras, fazendo várias visitas à região dos Montes Guararapes antes da inauguração do Parque e estando presente no evento.

As batalhas dos Guararapes são colocadas na condição de primeiro momento em que foi mencionada a palavra pátria em um documento, a primeira vez em que as três raças formadoras do Brasil se unem em torno de um ideal comum (expulsar o “invasor herege”) e a religião cristã católica é aqui confirmada na construção no local onde ocorreram as batalhas da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, não só servindo de peregrinação como também de referência para a identificação de uma identidade religiosa. Esses vários aspectos relacionados ao contexto histórico estudado de produção de uma identidade encontram-se.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma realidade concreta, a pesquisa procura demonstrar empiricamente como as teorias de Foucault podem ser aplicadas na análise de um discurso que pode ter sua inserção no contexto educacional. A observância da contextualização histórica na visão de Foucault é fundamental e foi procurando analisar não só os autores (como foi o caso do mural), mas também, e principalmente, suas enunciações.

A partir do estudo em curso percebe-se como é possível inserir um estudo tão abrangente como é a análise de discursos em Foucault, em uma área tão significativa para a reprodução dos discursos, a educação. E educação aqui, coloca-se em um sentido abrangente, tendo em vista exatamente o momento histórico vivido na reverberação do discurso.

Diante do contexto apresentado faz-se a afirmação de que há um esforço de várias áreas de produção do saber, aqui entendido na condição de um discurso educacional. É no sentido de realizar uma identidade nacional que os discursos acerca de momentos do passado emergem na condição de *verdade*.

É assim que o discurso do surgimento da pátria a partir das batalhas dos Guararapes passa a ser uma verdade, evidenciada em várias *superfícies de emergência*. O mural, os livros didáticos, as manifestações cívicas e o filme retratam o episódio histórico aproximando-o do momento presente, fazendo uma ligação entre o surgimento da nacionalidade naquele momento e a doutrina de segurança nacional que, entre outros pontos, trata da ratificação da consciência nacional por meio de elementos do passado.

Utilizam-se vários enunciados evidenciados no período da insurreição pernambucana, tais como o pronunciamento da palavra pátria, a união de brancos,

índios e negros contra holandeses e a religiosidade apontada com a construção da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres. Encontra, assim, relação direta com vários enunciados abordados nas décadas de 1960 e 1970, como o a democracia racial, marcada pela ausência de preconceitos, a defesa da unidade nacional e da religiosidade. As batalhas dos Guararapes colocam-se no discurso educacional na condição de enunciado fundamental na construção da identidade nacional brasileira nesse período.

#### REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2001. 328 p.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. In, *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 197-223, novembro/ 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 236 p.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008a. 79 p.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução: Salma Tannus Muchail. 9ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 541 p.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & educação**. 2ª Ed. 1 reimp. Coleção pensadores e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 160 p.

#### FONTES:

#### LIVROS DIDÁTICOS:

CAMARGO, Ten. Cel. Prof. Enjolras José de Castro. **Estudo de Problemas Brasileiros**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979.

MAIOR, Armando Souto. **História do Brasil**: para o curso colegial e vestibulares. 9ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971. p. 163.

MUSSUMECI, Victor. **Organização Social e Política Brasileira**: elementos de educação social e cívica. Ensino de primeiro grau. Vol. 65. Coleção didática do Brasil. São Paulo: Editora do Brasil S.A., 1970. p. 35.

TORLONI, Hilário. **Estudos de Problemas Brasileiros**. 3ª edição. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973.

#### JORNAIS:

REALE, Miguel. Nacionalismo e “entreguismo”. Brasil tem condições para afirmar-se num caminho próprio (SP). **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 01, 26 nov. 1960.